

Política: esperança ou desespero?

(NÃO ASSINADO)

09/26/2008 - 21:08.

Olhando a realidade da política nacional e o modo como nós elegemos nossos governantes (estaduais, municipais), fiquei admirado com a pesquisa, realizada em 132 países e divulgada, recentemente, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV): dá conta de que o brasileiro entre 15 e 29 anos, tem mais esperança de felicidade para os próximos cinco anos (felicidade futura) do que qualquer outro jovem no mundo. Juro que continuo com muitas dificuldades para entender tal resultado, pois, atualmente, os jovens, nessa idade, são as principais vítimas da violência nesse país e, ao mesmo tempo, os que mais perdem a vida, comparáveis somente a países que estão em declarada guerra civil ou militar, como é o caso do Iraque e outras nações. Como entender, se a maioria das pessoas nessa idade está sem emprego e as empresas continuam cobrando experiência, sem dar oportunidades?

Em minha opinião, este fato indica que a velha e maldosa ideologia de que "O Brasil é o país do futuro", denunciada na música de Renato Russo, continua a vigorar. O poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare, que não tinha fama de otimista, dizia que "é bom firmarmos nossas ações no presente?", pois, "o futuro costuma cair em meio ao vão?". Isto quer lembrar aos jovens de hoje, que tentem viver e refletir, primordialmente, o presente.

Em tempos de eleição - como acontece, atualmente, nos municípios de nossa região norte - a totalidade dos partidos mantém um comitê ou outra organização voltada para assistir a juventude (os denominados militantes jovens). O que me deixa perplexo, mais uma vez, é ver a empolgação dos jovens, nas passeatas, comícios e outras atividades afins. Basta se consultar o site de relacionamentos, "Orkut", para termos uma visão clara do carinho que eles (os jovens) dispensam aos seus candidatos, através de fotos e frases de estímulo. Daqui a um ano, infelizmente, esses mesmos senhores, agora simpáticos para com a juventude e as pessoas simples, estarão fazendo tour na capital todo final de semana; dificilmente são encontrados em seus gabinetes ou em casa e, contra a vontade de Deus, estarão podres de ricos, não por seus salários, mas por desvio de recursos com que construiriam boas escolas, postos de saúde dignos e até forneceriam boa merenda escolar. Numa palavra, estão vivendo à custa do dinheiro do povo. Quando se pergunta por políticas públicas para a juventude e de promoção da cultura, esses senhores, santamente assessorados, promovem o concurso da rainha do município ou um festival de quadrilhas, com a animação da banda mais depravada do momento e está tudo resolvido (com as bênçãos do governador e até do presidente).

Mas o que fazer para tirar os jovens da marginalidade, das drogas e da prostituição, cada vez mais crescentes em nossa região? Ah, nesse caso se promove cursos profissionalizantes, nos quais, na maioria das vezes, não se aprende quase nada ou é impossível exercer a profissão naquele local. No entanto, esse engajamento juvenil, traz algo de positivo em contraposição a algo, profundamente, negativo. O positivo mostra o quanto está implícita a vocação política em nosso sangue. O segundo, que é corrosivo, mostra o quanto as pessoas, e principalmente a juventude, se deixam manipular por idéias falsas e interesseiras, típicas desse momento.

É fato recente na história mundial, o uso da força da juventude em políticas maléficas, como é o caso de Adolf Hitler com a juventude alemã, na propagação da ideologia nazista, que dentre outros males, dizimou milhares de judeus e outros povos inocentes e, ainda hoje promovem atentados a minorias que eles julgam inferiores e com caracteres distintos da raça ariana.

Crescemos ouvindo que a juventude e as crianças são o futuro da nação, mas com o desenrolar do texto, percebe-se que isto ainda é uma utopia. A ignorância e a falta de caridade, da maioria de nossos governantes, é o que sempre prevalece. "O Sonho acabou", diria John Lennon. Na situação deplorável, em que se encontra a política, a juventude vai continuar nas ruas pedindo esmolas, quando deveria ter carinho e proteção. Ante tantos desencantos, embora sabendo que nesse período eleitoral, as paixões excedem a ética, proponho que agora e depois das eleições, nós possamos dar um novo rosto à política e aos nossos governantes, seja fazendo abaixo assinados, fiscalizando a atuação dos vereadores, denunciando irregularidades junto ao ministério público de nossas cidades, seja criando leis de iniciativas populares (a exemplo da CNBB). A política não é apenas o meio, mas a instância primordial com a qual se torna possível a implantação de uma sociedade (terrena) justa. O modo, porém, no qual se exerce o poder político e o fazer política, hoje, é mais um instrumento de escravidão e injustiça social. Em vez de libertar os cidadãos, torna-os cada vez mais encurralados e dependentes dos donos do poder.

O autor é seminarista da Diocese de Sobral e cursa Teologia no ITEP/Fortaleza. Contatos: clik83@hotmail.com